

QUESTIONÁRIO ADVERSE CHILDHOOD EXPERIENCE – ACE: AVALIANDO A ESTABILIDADE PSICOMÉTRICA

Maria Suely Alves costa¹; Jocélia Medeiros Ximenes²; André Rocha Sousa²; Diogo Cesar Gomes da Silva³; Rodrigo da Silva Maia¹; Darlene Pinho Fernandes de Moura¹; Miguel Basto Pereira⁴

1 UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC); 2 CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINTA; 3 FACULDADE INSTED; 4 INSTITUTO UNIVERSITÁRIO ISPA

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo das experiências adversas na infância (EAI) tem sido crescente na literatura científica. Uma razão para o aumento de pesquisas sobre este tema se deve ao impacto negativo da adversidade na saúde física e mental de jovens adultos e adultos (Pedrosa, 2018). Evidências científicas vêm enfatizando e concretizando a relação positiva existente entre a exposição repetida às EAI e o maior risco de o indivíduo apresentar problemas de ordem psicológica, de saúde física (e.g. hipertensão, doença isquêmica do coração) e comportamentais (e.g. dependência química, obesidade, fumo) (Felitti et al., 1998; Dube et al., 2004). Frente às evidências robustas de que experiências adversas na infância podem impactar negativamente a saúde de suas vítimas, houve uma crescente necessidade de investigação dos eventos adversos ocorridos durante a infância.

OBJETIVOS

Objetiva investigar as propriedades psicométricas do instrumento *Adverse Childhood Experience (ACE)* no contexto brasileiro, a fim de disponibilizar um instrumento validado de rastreamento de violência na infância.

MÉTODO

Para tanto, teve uma amostra composta por 201 participantes, com idades entre 18 e 20 anos, da região norte do estado do Ceará. O processo de investigação foi consolidado por meio do método teste-reteste (Coeficiente Kappa), em dois momentos distintos, conduzido pelo mesmo examinador, em um intervalo de três meses. Este é um instrumento destinado a avaliação de dez categorias de experiências adversas na infância, por meio da história de abuso, negligência e disfunção familiar ocorridas durante a infância. Estas experiências são mensuradas por meio de 35 itens organizados em questões dicotômicas, embora alguns itens se apresentem no formato de escala tipo Likert de cinco pontos.

A escolha do teste coeficiente Kappa, justifica-se por se equiparar à análise realizada no estudo americano e português. Ademais, o método teste-reteste é recomendado para estudos que envolvam medidas de autorrelato retrospectivo, sendo imperioso que os pesquisadores conheçam o nível de concordância das respostas, fornecendo uma estimativa da consistência de determinada medida.

RESULTADOS

Ressalta-se que a amostra foi composta por 201 jovens adultos brasileiros, sendo ($n=112$, 55.7%) homens e ($n=89$, 44.3%) mulheres, com uma média de idade de 18.57 anos ($DP=0.77$; $Min=18$; $Max=20$) (tabela 1). Os dados apresentados a seguir se referem a todos os cruzamentos das categorias de experiências adversas na infância nas duas aplicações, com os respectivos coeficientes Kappa, a fim de demonstrar a intensidade da concordância existente entre elas. Iniciou-se com os cruzamentos entre as categorias que se configuram na forma de violência direta ao sujeito, ou seja, abuso (físico, emocional e sexual) e negligência (física e emocional). Conforme os dados apresentados na tabela 2.

DISCUSSÃO

A constatação de que as experiências adversas na infância são comuns na população geral e está associada a elevada mortalidade e morbidade (Felitti et al., 1998; Silva & Maia, 2008), intensifica a necessidade de integrar a história de eventos adversos infantis na avaliação clínica e de elaborar instrumentos que possam ser utilizados na investigação desta área. Mensurar as experiências adversas na infância tem sido recorrente a nível internacional, a exemplo de Portugal (Silva & Maia, 2008;) e Estados Unidos (Felitti et al. 1998; Dube et al. 2004). Esta compreensão abrange os impactos negativos desta vivência sobre a saúde dos indivíduos, nos mais diversos âmbitos. No Brasil, alguns estudos têm se debruçado sobre esta temática, concentrando-se nas regiões sul (Pelotas e Porto Alegre), sudeste (Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo) e nordeste (Ceará). Entretanto, somente no âmbito internacional, foram encontrados estudos de investigação de concordância do questionário ACE (Dube et al. 2004). Na tentativa de elucidar a afirmação acima é possível verificar, nestes estudos internacionais, a investigação da concordância do questionário Adverse Childhood Experience - ACE por meio da estatística Kappa, objetivando determinar se tal instrumento apresenta a capacidade de mensurar as experiências adversas na infância em diferentes aplicações.

Variáveis categóricas		Frequência absoluta	%
Sexo	Feminino	89	44.3
	Masculino	112	55.7
Anos de escolaridade	15 anos de escolaridade	66	32.8
	14 anos de escolaridade	45	22.3
	13 anos de escolaridade	19	9.4
	12 anos de escolaridade	45	22.3
Repetência de anos escolares	Repetiram	23	11.4
	Não repetiram	168	83.6
Residir	Com os pais	168	84
	Com companheiro Sozinho	18 01	8.9 0.4
Problemas com Saúde Mental	Sim	06	2.9
	Não	195	97
Consumo de drogas ilícitas	Sim	25	12.4
	Não	176	87.6
Ingestão de bebida alcoólica	Sim	102	50.7
	Não	98	48.8
Total		201	100,0
Variáveis intervalar			
Idade		Min-Max	Média (DP)
		18-20	18.57 0.77

Tabela 1 - Sociodemográfico

Fonte: Autor

Experiências Adversas na Infância	Tempo 1		Tempo 2		Kappa T1-T2
	N	%	N	%	
Abuso Físico	13	26	16	32	0.76***
Abuso Emocional	10	20	10	20	0.87***
Abuso Sexual	4	8	6	12	0.64**
Negligência Emocional	12	24	12	24	0.84***
Negligência Física	31	62	32	64	0.80***
Violência contra mãe	13	26	13	26	0.88***
Abuso de Substância	20	40	20	40	0.91***
Divórcio ou separação dos pais	18	36	18	36	0.91***
Encarceramento	6	12	8	16	0.83***
Doença Mental no domicílio	17	34	18	36	0.91***

p<.01. *p<.001.

Fonte: autores.

Figura 2 - COMPARAÇÃO ENTRE ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO KAPPA.

CONCLUSÃO

Considerando as porcentagens das diferentes experiências adversas relatadas, pode-se concluir que existe uma elevada coocorrência entre os diferentes tipos de adversidade, isto é, a maioria dos sujeitos, para além de relatar experiências contra eles próprios, também relatam situações de adversidade relacionadas com o ambiente e dinâmica familiar. Desse modo, é possível afirmar que em sintonia com o que tem sido demonstrado na literatura, são várias as evidências de que a adversidade é um preditor significativo, ao longo do desenvolvimento do sujeito, de psicopatologia. Ou seja, os efeitos dos traumas, essencialmente se estes forem múltiplos, podem ser tão severos que se prolongam por toda a vida, dando origem a problemas de origem psicológica. Portanto, necessário se torna o desenvolvimento e aperfeiçoamento de instrumentos que auxiliem profissionais na identificação e intervenção em situações que envolvam sobreviventes de violência na infância, bem como previna e identifique a sua ocorrência contra crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

- Dube, S. R., Williamson, D. F., Thompson, T., Felitti, V. J., & Anda, R. F. (2004). Assessing the reliability of retrospective reports of adverse childhood experiences among adult HMO members attending a primary care clinic. *Child Abuse & Neglect*, 28(7), 729–737. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2003.08.009>
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American journal of preventive medicine*, 14(4), 245-258. [https://doi.org/10.1016/s0749-3797\(98\)00017-8](https://doi.org/10.1016/s0749-3797(98)00017-8)
- Silva, S. S. P., & Maia, Â. (2008). Versão Portuguesa do Family ACE Questionnaire (Questionário da história de adversidade na infância). In A. P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins & V. Ramalho (coord.). *Actas da XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: Psiquilibrios. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/11323>